



LÖWY, Michael. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin. Trad. Myriam Vera Baptista e Magdalena Pizante Baptista, 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 213p.

Fabio Py Murta de Almeida*

Michael Löwy, diretor emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS-França), em Paris, escreve *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin* para demonstrar o romantismo e o messianismo como importantes ideais de Lukács e Benjamin. Para a historiografia, a novidade da obra decorre do mapear das influências alternativas (heterodoxas) no bojo do marxismo europeu do século XX. Assim, já de início, tem-se a indagação: “*Será o romantismo um movimento essencialmente conservador ou revolucionário?*” (p.11). O autor repercute a pergunta construindo quatro ‘tipos’ de romantismos ideais: 1) romantismo retrógrado: quer restabelecer o estado social precedente; 2) romantismo conservador: visa manter a sociedade dos ‘não tocados’ pela Revolução Francesa; 3) romantismo desencantado: assume que o retorno ao passado é impossível e acarreta a compreensão de que o capitalismo é irreversível; 4) romantismo revolucionário: retorna às comunidades do passado e reconcilia-se com o presente. A dimensão romântica revolucionária no marxismo desaparece do fim da década de 1870 ao início do século XX, com exceção de Rosa Luxemburgo que, em sua obra, preocupa-se com traçar elementos da comunidade primitiva.

Resenha recebida em 9 de março de 2013 e aprovada em 13 de maio de 2013.

* Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. País de origem: Brasil. E-mail: pymurta@gmail.com

Junto a ela, Lukács se aproxima da tradição do romantismo alemão no célebre *História e consciência de classe*, de 1923 (p.28-29).

Para Löwy, a crítica do romantismo anticapitalista acontece na civilização industrial/burguesa devido aos valores sociais e culturais pré-capitalistas. Também percebe que “a crítica *romântica raramente é sistemática ou explícita e poucas vezes se refere diretamente ao capitalismo*” (p.36). A partir do romantismo, faz-se crítica à quantificação da vida, isto é, à total dominação do valor de troca, do cálculo frio e das leis de mercado, por isso, na “*civilização industrial as qualidades da natureza (beleza, saúde) não existam: ela leva em consideração apenas as quantidades de material bruto que podem ser extraídos daí*” (p.39). No romantismo antimoderno, o ideal nostálgico de Rustin é o passado gótico, medieval. Sobre Marx, pode-se dizer que ele não tem relação direta com o romantismo, aparentemente. Por isso, o autor do título em questão sugere que o romantismo anticapitalista seja a fonte esquecida de Marx, tão importante para seu trabalho quanto o neo-hegelianismo alemão (p.43). O que pode ser aferido em *Das Kapital*, quando este critica o caráter demonizante do trabalho capitalista como uma forma degradada das qualidades humanas, é sua visão não romântica, nem utilitária, mas *Aufhebung* – dialética: crítica e revolucionária.

Para o autor, Lukács só pode ser estudado no quadro vasto do renascimento religioso dos intelectuais da Europa Central na virada do século XX ocupando um lugar central no retorno da religião do passado, o catolicismo da Idade Média. Lukács critica o urbano, o nacional e a mercantilização de vínculos por meio do romantismo anticapitalista. Para Löwy, nesse contexto, os textos de Max Weber assinalam que o capitalismo industrial é reconhecido por um desencantamento do Mundo – ele e seu círculo de Heidelberg faziam isso revisitando ideias neo-românticas e da nova religião. Dois desse grupo, Bloch e Lukács, eram vinculados ao messianismo, mas o último tinha um misto de ideias que iam desde os místicos da Idade Média até a espiritualidade russa de Dostoiévski (p.59).

No quarto capítulo, Löwy destaca, em Lukács, o conceito de *reificação*, com o qual pretendia “decifrar os hieróglifos sociais”. Lukács, em sua análise, não tem uma visão neutra nem imparcial da sociedade, mas partidária e crítica. Seu conceito de reificação relaciona-se ao de fetichismo da mercadoria de Marx e da sociologia de Simmel, e, entre eles, caminha o romantismo anticapitalista na direção do marxismo, integrando o marxismo e o romantismo (p.71). Assim, Löwy entende que toda sua obra seria uma rearticulação de temas do romantismo por meio da estrutura marxista, sendo a reificação, um “*processo através do qual os produtos do trabalho humano (e o próprio trabalho) se tornam um universo de coisas e relações entre coisas*” (p.72). Mais adiante, pondera que, para Lukács, a burocracia pode acabar na reificação política; a burguesia não traz à luz formas reificadas, mas a “*reificação ou coisificação das relações sociais na mercadoria e no dinheiro é apenas uma aparência e uma ilusão da consciência burguesa*” (p.84), sendo parte da teoria econômica.

No capítulo seguinte, Löwy destaca ainda dois autores fundamentais do século XX: Gramsci e Lukács, fundadores do marxismo ocidental. Ambos buscam “*superar a visão positivista*” e, assim, Lukács caracterizava Gramsci como “*o melhor dentre nós*” (p.99), estilizando uma teoria de analogias do romantismo anticapitalista e do comunismo ético. Gramsci acreditava na luta da unidade operária e camponesa como uma estratégia revolucionária anticapitalista, tal como Lukács em *O Pensamento de Lenin* (1924). Ambos foram contra o isolamento do partido, lutando contra o positivismo do marxismo: em primeiro lugar, utilizando o historicismo radical; em segundo, indicando o marxismo como uma visão de mundo radical, nova e explícita; e, terceiro, percebendo a revolução proletária como ponto alto da reflexão marxista.

Para o autor, outro pensador que tem um lugar de destaque junto a Lukács é Lucién Goldmann – que descobre “por acaso” as obras da juventude de Lukács – sendo, por um longo período, um dos poucos a reconhecer sua obra. Dialogando com os textos de literatura de Lukács, Lucién desenvolve o conceito de tragédia. A

leitura de Goldman a partir de Lukács e a relação entre o messianismo judeu e as modernas ideias revolucionárias passam a ser um objeto da discussão no marxismo, pois, primeiro: o messianismo judeu era uma corrente restauradora do passado e utópica em relação a um futuro que jamais existiu. Segundo: em Gerschom Scholem, no messianismo judeu, a redenção é um acontecimento histórico que ocorre no *dever* da humanidade. Terceiro: no messianismo judeu, chamado por Scholem de “anarquista”, o Messias interfere na abolição das restrições da Torah, permitindo uma nova série de ações (p.136).

Na equação descrita por Löwy, o romantismo é um fenômeno amplo que vai da religião, política (esquerda e direita), história, até a economia (p.139). Pensadores e movimentos que possuíam ideias anticapitalistas recheadas de concepções utópicas messiânicas são listados por ele, tais como o movimento anarquista com Franz Rosenzweig e sua obra *A Estrela da Redenção*, uma tentativa de renovar a teologia judaica a partir do romantismo ou o próprio Scholem, judeu de classe média estudioso da Cabala, do messianismo herético de Sabatai Tzvi, e da utopia messiânica – esta que, para ele, não era o sionismo, mas o anarquismo (p.147-159). Löwy destaca, também, o movimento de anarquistas religiosos judaizantes, com Gustav Landauer, autor de “*um messianismo judeu de caráter anarquista*” (p.159), que propunha um retorno simples ao passado, pedindo a volta às fontes passadas comunitárias do passado pré-capitalista (p.159-177). Outro movimento seria o dos judeus assimilados, ateus-religiosos, e anarco-bolchevistas, traçado pelo discípulo de Gustavo Landauer, Ernst Toller – pensador de posição pacifista, que concebe o socialismo como negação do Estado e da industrialização, retornando às comunidades rurais descentralizadas, pensando “*a utopia de uma revolução libertária-pacifista*”, ligada “*à esperança da redenção messiânica*” (p.179). Por fim, o ideal do messianismo judaico-cristão de Bloch, que escreve o “*marxismo e o sonho do absoluto, para tarefa grandiosa da ‘reconstrução do astro Terra, e convocação, criação e imposição do Reino*” (p.185).

No penúltimo capítulo, Löwy abre o tema de Benjamin tratando do famoso conceito de “*escovar a história a contrapelo*”, proposto nas *Teses sobre a Filosofia da História* (p.189), escritos de recusa ao caminho da ilusão do progresso, visto que “*a evolução técnica e científica sob o capitalismo ameaça, principalmente graças ao progresso da guerra química, a sobrevivência da civilização humana*” (p.192). Benjamin é outro pensador que flerta com a teologia, chamando-a de “*espírito messiânico*”, sem o qual “*a revolução não pode triunfar, nem o materialismo histórico*” (p.195). Para ele, a utopia seria a união das experiências da sociedade sem-classes primitiva no inconsciente coletivo “*em ligação recíproca com o novo*” (p.197).

Próximo ao fim do livro, Löwy destaca que, em Benjamin, a modernidade é o inferno, pois se deixa dominar pela mercadoria formatada no universo da repetição (p.198). O autor lista explicitamente, ao longo do livro, os problemas de Benjamin, bem como os teóricos ligados em vários graus ao marxismo, ao uso da tecnologia e às gradações românticas. No pensamento benjaminiano, a tecnologia é um fato histórico que se determina pelo capitalismo. A partir de seu romantismo revolucionário, Benjamin sonha com uma sociedade completamente liberada, na qual a tecnologia deixaria de ser “*um fetiche do declínio*” para se tornar “*uma chave para a felicidade*” (p.209). Seria quando “*uma humanidade emancipada poderá usar e iluminar os segredos da natureza graças à tecnologia ‘mediatizada’ pelo esquema humano das coisas*” (p.209).

Enfim, o professor emérito do CNRS encerra o livro indicando que Benjamin oferece imagens, utopias e alegorias contra o concreto da modernidade científica, enaltecendo a alternativa do projeto romântico pacifista e ecológico que estava porvir (p.213). O livro de Löwy é um esforço admirável ao reunir, em 213 páginas, os ‘vínculos afetivos’ do romantismo e do messianismo às ideias revolucionárias de Lukács e Benjamin. A partir disso, traça a relação entre as vivências do início do século XX com elementos que possibilitaram o neo-romantismo do centro da Europa na modernidade. A obra, sem economias de nomes de autores, passa por

aqueles que ajudaram a perceber como o movimento se alastrou pela Europa, colaborando com o mapeamento dos elementos sobre a História das Ideias (Mentalidades) e do Marxismo no século XX. Por sua competência, utiliza livros, artigos e depoimentos que formam o trajeto da influência das duas correntes nos dois representantes do marxismo europeu, demonstrando que o projeto anticapitalista de Lukács e de Benjamin bebe das fontes românticas que iluminam suas reflexões revolucionárias.